

Seção: Artigo

**Trilha: Interdisciplinar
em Ciências Humanas**

Rian Lucas da Silva
Instituto Federal de Educação, Ciência
e Tecnologia de Minas Gerais (IFMG)
rian.pd2013@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-3810-6316>
<http://lattes.cnpq.br/9371187473439297>

Girlene Marques Formiga
Instituto Federal de Educação, Ciência
e Tecnologia da Paraíba (IFPB)
girlene.formiga@ifpb.edu.br
<https://orcid.org/0000-0002-4988-7699>
<http://lattes.cnpq.br/9647640348369100>

Contribuição dos(as) autores(as):

Rian Lucas da Silva: Escrita,
pesquisa, análise, conceituação,
metodologia, edição.

Girlene Marques Formiga: Escrita e
revisão.

Este trabalho está licenciado com uma
licença *Creative Commons* Atribuição
4.0 Internacional



Esta licença permite que os/as
usuários(as) do seu material possam
distribuir, remixar, adaptar e criar a
partir do material criado por você,
mesmo que seja para fins comerciais,
mas desde que quem usar atribua o
devido crédito pela autoria inicial da
obra.



“NA CAMA NÃO SE FALA DE FILOSOFIA”: a(s) masculinidade(s) em *Ela*, de Rubem Fonseca

Resumo

A partir da compreensão de que os estudos de gênero também comportam – para além de temáticas do feminino, dos feminismos e da feminilidade – questões que envolvem a(s) masculinidade(s), conforme defende Rabelo (2010), o presente artigo objetiva discutir sobre conceito(s) de masculinidade(s) reconhecidos na narrativa *Ela*, de Rubem Fonseca, publicada pela primeira vez na coletânea de contos intitulada *Ela e outras mulheres* (2006), a fim de compreender representações de masculinidade(s) do narrador protagonista. Para a construção deste estudo, a fundamentação teórica se ancora tanto em pesquisas de Kimmel (1998) e Badinter (1993), quanto de Rabelo (2010), Bosi (1995) e Candido (1987), por meio de pesquisa de natureza qualitativa bibliográfica. Empreendidas as análises do texto literário, averiguou-se que o protagonista desempenha uma posição de dominador em relação ao ser feminino na cama. A ele, compete realizar o ato sexual; a ela, competem a passividade e o aceite de determinadas condições – a exemplo da mencionada por ele, ao defender que “na cama não se fala de filosofia” (Fonseca, 2015, p. 261). Desse modo, instaura-se, na narrativa, uma variante de masculinidade, de certo modo, violenta, pautada em relações de poder e responsável por configurar uma espécie de masculinidade que beira a misoginia, o preconceito e a ignorância, uma vez que a macheza é colocada em foco para que o protagonista seja visto como símbolo, provavelmente, de ‘macho’/homem com H maiúsculo, segundo defesa de certos ideais ainda em vigor na sociedade contemporânea.

Palavras-chave: estudos de gênero, masculinidades, Rubem Fonseca, literatura fonssequiana.

1 Considerações iniciais

Desde sua estreia na literatura brasileira, é inegável que Rubem Fonseca se destacou como um dos escritores mais aclamados pela crítica, conforme menciona Conrado (2012). A respeito desse prestigiado autor ganhador de prêmios na categoria contos, Antonio Candido afirma que Fonseca é um dos grandes mestres do conto, gênero a abordar as consequências para o homem da elevada urbanização brasileira por meio da narrativa breve (Candido, 1987). Candido ainda o considera como propulsor de uma espécie de realismo feroz por buscar representar, em seus textos, a violência urbana – que é intrínseca ao século XX – a partir de todos os níveis comportamentais de nossa sociedade (Candido, 1987).

A partir disso, a proposta deste estudo focaliza a narrativa fonsequiana, mais especificamente a partir do conto denominado *Ela*, publicado pela primeira vez na coletânea intitulada *Ela e outras mulheres* (2006) e posteriormente incluído na obra *O melhor de Rubem Fonseca* (2015), publicado pela editora Nova Fronteira.

Ao tomar esse texto como base para a análise, objetiva-se discutir noções de masculinidade(s), por meio do comportamento do protagonista do conto, com o intuito de compreender como essa temática ganha seus contornos e se constrói ao longo da tessitura literária. Para isso, utilizou-se de abordagem de natureza qualitativa de cunho bibliográfico-exploratório, com base teórica em autores como Michael Kimmel, Amanda Rabelo e Elisabeth Badinter.

Para o seu desenvolvimento, este trabalho apresenta a seguinte estruturação: em primeiro plano, serão explanadas algumas noções introdutórias sobre o tema das masculinidades, com o fito de evidenciar a variação e a plurissignificação que esse tópico comporta; em segundo plano, serão apresentadas as análises feitas a partir do conto tomado como objeto de estudo, para que se perceba o modo como o protagonista constrói seu próprio conceito de masculinidade; por último, serão tecidas algumas considerações finais.

2 Masculinidade(s) em foco: algumas observações introdutórias

Em primeiro plano, faz-se necessário compreender que estudos de gênero não é, necessariamente, sinônimo de estudo da mulher, conforme apregoa Rabelo (2010), pois quando se fala sobre a expressão em pauta é comum que a primeira ideia seja aquela associada unicamente aos

estudos referentes à mulher, ao feminismo, à feminilidade. Para além disso, a estudiosa ressalta a importância de se recordar que o termo gênero é comum aos dois sexos e, portanto, precisa ser entendido enquanto “uma construção social, histórica e cultural, elaborada sobre as diferenças sexuais” (Rabelo, 2010, p. 164). Desse modo, estudos de/sobre masculinidades também ganham relevância e são preocupação, também, dos estudos de gênero.

Isso posto, é sabido que a temática da condição masculina tem ganhado mais destaque e notoriedade desde mesmo o surgimento de movimentos feministas e o desenvolvimento de discussões pautadas nas chamadas minorias (trans, lésbicas, gays, negros, entre outros). Assim, é a partir das décadas de 70 e de 80 que surgem estudos voltados a pensar o lugar do sujeito homem na sociedade.

Um dos estudiosos que se debruçou a (re)pensar questões sobre masculinidade, de acordo com Oliveira (2021), foi o sociólogo americano Michael Kimmel, professor da Universidade Stony Brooks, em Nova Iorque, e escritor de diversos livros sobre gênero e masculinidades. Seus trabalhos, grosso modo, partem de um viés crítico das masculinidades e debatem proposições importantes, a exemplo da questão de privilégios, engajamento pró-feminismo e violências contra minorias.

No artigo A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas, Kimmel (1998) pressupõe que as masculinidades partem de alguns critérios basilares, como: a) variam de cultura a cultura e no decorrer do tempo; b) variam em toda e qualquer cultura a partir de um conjunto de outras variáveis e outros lugares de identidade; c) variam no transcorrer da vida de quaisquer homens individuais. Em outros dizeres, o sociólogo aponta, como característica elementar, o fato de que os significados de masculinidades são essencialmente variáveis, culturais e se modificam em distintos períodos históricos. Ao fazer tal afirmação, o estudioso conclui que “não podemos falar de masculinidade como se fosse uma essência constante e universal, mas sim como um conjunto de significados e comportamentos fluidos e em constante mudança” (Kimmel, 1998, p. 106). Daí, pois, a necessidade de compreender a temática a partir do uso pluralizado, uma vez que

Devemos falar de masculinidades, reconhecendo as diferentes definições de hombridade que construímos. Ao usar o termo no plural, nós reconhecemos que masculinidade significa diferentes coisas para diferentes grupos de homens em diferentes momentos (Kimmel, 1998, p. 106).

Ao pluralizar o termo masculinidades, abre-se margem para que diversos tipos e formas de

masculinidades ganhem evidência, sobretudo aquelas que fogem do padrão macho alfa – geralmente representado por aquele sujeito masculino hétero que esbraveja sua condição como a única forma de ser e de agir enquanto homem.

Embora essa marcação de número (plural) no termo possa parecer, à primeira vista, apenas mais um comodismo linguístico, tal construção torna-se fundamental para que não se crie ou se alimente noções de existência de masculinidades únicas. A respeito disso, Rabelo (2010) reforça o entendimento de que não há uma masculinidade fixa, tendo em vista que toda forma compreendida pelo termo é sempre complexa e depende do posicionamento nas relações de gênero e das consequentes práticas de acordo com essas posições. Concordando com esse posicionamento, Badinter (1993) reconhece que o masculino é construído a partir de relações culturalmente estabelecidas pela sociedade.

Com base nas concepções apresentadas, as masculinidades precisam ser compreendidas a partir de uma análise mais ampla, distanciadas de vieses que tendem, ainda, a pensar a temática apoiada por uma definição única e concreta, postura que certamente contribui para desmerecer e excluir modos de masculinidades que se desviam de uma prática heteronormativa.

3 A(s) masculinidade(s) do protagonista em *Ela*, na narrativa fonsequiana

Em termos estruturais, o conto *Ela* se destaca como um texto bastante curto, marcado pela descrição rápida do protagonista que não se demora em apresentar os fatos vivenciados. Inicialmente, a narrativa já chama a atenção do leitor porque nenhum dos personagens são sequer nomeados, e o desenrolar da narrativa se dá mediante descrição em primeira pessoa do narrador protagonista, que inicia com a seguinte reflexão: “Na cama não se fala de filosofia” (Fonseca, 2015, p. 261).

De acordo com o protagonista, a cama não é um local adequado para debater questões ou alongar conversas, mas para outras ações que se colocam por ele mesmo adiante: “Peguei na mão dela, coloquei sobre meu coração, disse, meu coração é seu (...) depois botei a mão dela no meu pau, que estava duro, disse, é seu esse pau” (Fonseca, 2015, p. 261). A cama, portanto, apresenta-se para o personagem como um local propício para o sexo, e não para filosofias.

A masculinidade do protagonista, neste caso, associa-se à ordem, àquilo que ele mesmo, enquanto sujeito ativo, acredita ser o correto a ser feito durante os momentos em que se encontrava

com a mulher na cama. É ele o responsável por determinar aquilo que pode (ou não) ser dito e feito no contexto em que se inserem.

Em contrapartida, a mulher assume um estado de passividade no ato sexual ao acatar o ordenado pela figura masculina, segundo comprova a passagem do texto: “Ela nada disse, me chupou, depois chupei sua boceta, ela veio por cima, fodemos, ela ficou de joelhos, rosto no travesseiro, penetrei por trás, fodemos” (Fonseca, 2015, p. 261). A maior parte do conto – de uma narrativa que já é bem curta –, por sinal, é caracterizado por descrições e narrações do sexo que eles realizam. Nessas ocasiões, à mulher cabe o papel de realizar os desejos carnais impostos pelo seu companheiro.

Tal constatação vai ao encontro das pesquisas empreendidas por Kimmel (1998), ao demonstrar que a masculinidade poderia basear-se em alguns padrões básicos de provas ou demonstrações. Para o pesquisador, um desses padrões encontrados refere-se à ideia de que a masculinidade é usualmente demonstrada por intermédio do autocontrole, revelando o corpo como um mero instrumento e expressão de dominação sobre o outro, o dominado. Em virtude disso, o estudioso menciona que as masculinidades são construídas mediante relações de poder, tendo o sexismo e a homofobia como dois¹ elementos constitutivos em sua construção social. Com isso, nota-se que os personagens da narrativa encontram-se imbrincados sob uma relação em que o controle do corpo é colocado em cena, por exemplo, na medida em que a figura masculina ignora os comentários feitos pela mulher, em uma clara exibição de que a relação sexual deve se desenrolar sem distrações afetivas.

Em seguida, esse momento sexual, antes dominado apenas pelo homem, sofre uma ruptura justamente por essa mulher, quando ela, após ambos terem chegado ao gozo, de forma abrupta declara: “(...) te amo, vamos viver juntos” (Fonseca, 2015, p. 261). A ruptura na narrativa ocorre pelo pedido surpreendente, ainda que indireto, de viverem juntos. Instaura-se, nesse caso, um prenúncio de uma filosofia – renegado por ele desde mesmo o início do conto.

Em outras palavras, se antes a cama não se tratava de um local onde se pudesse debater sobre filosofia, a confissão manifestada pela mulher foge desse ideal ao anunciar temáticas que não convém ao seu parceiro. A resposta dele, inclusive, já declara seu desgosto diante da declaração de amor por parte da mulher:

1 “Entendo que as masculinidades são construídas simultaneamente em dois campos inter-relacionados de relações de poder – nas relações de homens com mulheres (desigualdade de gênero) e nas relações dos homens com outros homens (desigualdades baseadas em raça, etnicidade, sexualidade, idade, etc.)” (Kimmel, 1998, p. 105).

Perguntei, não está tão bom assim? Cada um no seu canto, nos encontramos para ir ao cinema, passear no Jardim Botânico, comer salada com salmão, ler poesia um para o outro, ver filmes, foder. Acordar todo dia, todo dia, todo dia juntos na mesma cama é mortal (Fonseca, 2015, p. 261).

Por mais que a mulher insista em adentrar a conversa, isto é, em romper com a bolha misógina criada por seu par, ainda assim ela não é ouvida. Assim, ainda que ela externalize os seus sentimentos, paira um silenciamento, pois nada que ela diz é levado em consideração.

No último excerto, vê-se uma negação, por parte dele, em viver junto a ela; até se nota o seu desejo em manter uma relação como um casal que vivencia atividades em comum no dia a dia, mas não com vínculos afetivos a ponto de acordar todos os dias na mesma cama, haja vista que isso seria ‘mortal’. Assim, ao mesmo tempo em que ele parece gostar de estar na presença dela, ele mesmo renega o desejo que a mulher expõe, revelando o estado de dualidade em que se encontra imerso. Em seguida, a resposta dela, novamente, instaura uma espécie de aura filosófica:

Ela respondeu que Nietzsche disse que a mesma palavra amor significa duas coisas diferentes para o homem e para a mulher. Para a mulher, amor exprime renúncia, dádiva. Já o homem quer possuir a mulher, tomá-la, a fim de se enriquecer e reforçar seu poder de existir (Fonseca, 2015, p. 261).

Ora, se a cama é apresentada desde o começo da narrativa como um local para não se falar de filosofia, essa passagem revela a tentativa de oposição da personagem que tenta se rebelar contra a restrição masculina, ao fazer justamente referência a um dos grandes nomes da Filosofia: Nietzsche. Em uma clara demonstração de poder do homem, o comentário da mulher foi ignorado quando o personagem passa a assumir o controle ao desqualificar o posicionamento feminino: “Nietzsche era um maluco. Mas aquela conversa foi o início do fim. Na cama não se fala de filosofia” (Fonseca, 2015, p. 262). Repetidamente, a mulher é silenciada a ponto de seus comentários de nada servirem na opinião de seu companheiro. É assim, pois, que conto se encerra: com a negação do personagem diante da fala da mulher, com o retorno de perspectiva e de foco para ele em detrimento da personagem com quem se relaciona sexualmente.

Isso posto, é possível aferir que o protagonista assume, na maior parte do tempo, uma posição de dominador face ao ser feminino na cama. A ele compete realizar o ato sexual; a ela competem a passividade e o aceite de determinadas condições – a exemplo da mencionada por ele,

para quem é mortal ter de acordar todos os dias juntos na mesma cama, mesmo que isso fosse o desejo de sua parceira.

Cria-se, nesse sentido, uma masculinidade pautada sobre a dominação masculina e o sentimento de posse do homem em relação à mulher na cama – lugar para se fazer sexo, e não para se falar de filosofia. Essa constatação vai ao encontro da defesa de Kimmel (1998, p. 112), para quem “a masculinidade poderia ser demonstrada através do controle, fazendo com que o corpo se tornasse um instrumento e uma expressão de dominação”.

A masculinidade evidenciada pelo personagem, portanto, beira o preconceito, o machismo e a ignorância. O personagem da narrativa não se preocupa com as participações da mulher quanto às falas proferidas, uma vez que a relação sexual se sobrepõe em sua visão em detrimento de outros assuntos que poderiam ser debatidos na cama. Logo, essa variável de masculinidade – assim a definimos por considerar múltiplas as formas existentes de masculinidades – apresenta-se sob um cenário que ainda relega à mulher a um lugar menor no meio social: a passividade durante o sexo. O silenciamento da mulher registrado na poética de Rubem Fonseca aflora um acontecimento histórico dessa condição imposto por uma sociedade sexista, sustentada por uma cultura patriarcal, que carece criar urgentemente condições para ecoar as vozes das mulheres.

4 Considerações finais

Neste artigo, esboçou-se a necessidade de (re)pensar a temática das masculinidades a partir de um olhar crítico que leve em consideração as múltiplas e variadas formas de ser e de agir enquanto homem que busca encontrar o seu padrão de masculinidade. Esse paradigma foi reforçado a fim de que não se crie noções imutáveis, rígidas e/ou únicas sobre formas específicas da temática, pois fazer isso seria desconsiderar outros tipos de masculinidades que fogem de uma norma heteronormativa, por exemplo.

Com isso, a narrativa fonsequiana, por intermédio do conto aqui analisado, ilustrou processos em que personagens, sobretudo o masculino, representam o tipo de masculinidade tóxica, em que a macheza é evidenciada e colocada em foco para que o personagem seja símbolo, provavelmente, do ‘macho’/homem com H maiúsculo: aquele que comanda a situação no sexo; que decide quando, como, onde e até o que falar em determinadas situações.

Isso posto, a variável de masculinidade encontrada foi reforçada mediante relações de poder,

em que o personagem se sente como o verdadeiro dominador, ao passo que sua companheira, embora ainda insista em intrometer-se diante da situação conflitante, permanece sob estado de passividade e de aceite das ordens e pedidos do sujeito com quem se envolve sexualmente.

Não deixa de ser, assim, um caso específico de masculinidade violenta, o que se torna compreensível se considerar que o texto foi escrito por Rubem Fonseca, conhecido por características que envolvem uma carga potente de crueldade sob as mais diversas maneiras, uma vez que tanto a representação de seus personagens quanto a de suas ações são construídas pelo autor a partir de uma linguagem que, por vezes, choca o leitor com a rudeza utilizada. Não à toa, o crítico literário Alfredo Bosi (1995) cunhou de “brutalista” a literatura produzida pelo escritor.

Ademais, ressalta-se, em última instância, que este estudo não almejou promover um aprofundamento teórico sobre o tema das masculinidades, tampouco sobre a narrativa fonsequiana, haja vista que seria impossível o fazer dentro de um espaço limitado como o desta proposição de estudo. Pretende-se, por sua vez, oferecer noções introdutórias sobre as temáticas aqui propostas, que sirvam, sobretudo, como um convite para que outros estudos sejam realizados, com o fito de ampliar noções de masculinidades e seus desdobramentos.

Referências

BADINTER, Elisabeth. **XY: sobre a identidade masculina**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

BOSI, Alfredo. **O conto brasileiro contemporâneo**. São Paulo, Cultrix, 1995.

CANDIDO, Antonio. **A educação pela noite e outros ensaios**. São Paulo: Ática, 1987.

CONRADO, Karina Luckaszkeski. **A dimensão corpórea na literatura brasileira: a fisiologização humana na contística de Rubem Fonseca**. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Letras. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

FONSECA, Rubem. **O melhor de Rubem Fonseca**. Nova Fronteira, 2015.

KIMMEL, Michael. A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas. **Horizontes antropológicos**, Porto Alegre, n. 9, p. 103-117, out. 1998.

OLIVEIRA, Caíque Diogo de. (Des)Radicalizando o ódio: masculinidades nos grupos de extrema direita. **Cad. Gên. Tecnol.**, Curitiba, v. 14, n. 44, p. 599-602, jul./dez. 2021.

RABELO, Amanda Oliveira. Contribuições dos estudos de gênero às investigações que enfocam a masculinidade. **Ex aequo**, v. 21, p. 161-176, 2010.